

Bruno Freitas Bilitário

Simone Piletti Viscarra

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT: Neoliberalismo e ensino técnico-profissional: cenário, impactos e resistências.

Reflexões sobre neoconservadorismo e neofascismo na educação brasileira.

Belém, Pará

2023



REFLEXÕES SOBRE NEOCONSERVADORISMO E NEOFASCISMO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

Bruno Freitas Bilitário ¹
Simone Piletti Viscarra ²

RESUMO

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa em andamento no contexto do Mestrado Profissional de Sociologia em rede nacional (PROFSOCIO). Trazendo uma breve discussão acerca do avanço do neofascismo e neoconservadorismo no Brasil e como isto afeta a juventude presente nas escolas. Trata-se aqui de uma inicial discussão teórica acerca da temática, bem como uma leitura da conjuntura política e social da educação e suas afetações por conta do avanço da extrema direita durante os últimos cinco anos.

Palavras-chave: neofascismo, neoconservadorismo, educação, política.

INTRODUÇÃO

O ensino de sociologia no âmbito da educação básica traz aos professores grandes desafios no que diz respeito a forma de apresentar os conteúdos desta disciplina ao público escolar jovem. Tal situação se torna ainda mais preocupante quando trata-se dos estudantes de escolas públicas, uma vez que esses sofrem mais as oscilações dos campos político e econômico do que outros sistemas de ensino.

O estudo dos fenômenos políticos e econômicos acabam, em grande parte, sendo repassado para a disciplina de sociologia na escola média, um tanto porque sociologia no ensino médio abarca conteúdo das ciências sociais, como também traz conceitos da antropologia e da ciência política junto com as teorias sociológica. Mas também pelo fato de que os grandes autores da sociologia, sobretudo os clássicos, elaboraram explicações para todas as esferas da vida social, incluindo a economia.

Neste sentido uma grande parte dos conteúdos de sociologia na escola são na verdade da ciência política, entre eles os conteúdos referentes aos regimes autoritários do século XX, ou seja, o nazismo e o fascismo. Estes conteúdos são simultaneamente divididos com outras

1 Mestrando do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Vale do Sçai Francismo - UNIVASF, fbf.brazil@gmail.com;

2 Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo realizado Doutorado Sanduíche na Universidade de Denver (2014). Professora de Ciência Política na Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, simone.viscarra@univasf.edu.br



disciplinas como história e filosofia e precisam ser trabalhando de uma forma que integrem todas estas áreas do conhecimento, porém sem perder as especificidades teóricas conceituais de cada área.

Assim, proposta é discutir esses fenômenos em suas dimensões sociais, filosóficas, políticas e históricas. No intuito de que os alunos do ensino médio possam compreender melhor tais fenômenos, suas origens, e suas releituras na atualidade, pelo que são chamados de neonazistas e neofascistas os movimentos reacionários de extrema direita que tem inspiração no passado sombrio da primeira metade do século XX.

Por isso, faz-se necessário uma abordagem de ensino com ênfase no significado desses movimentos políticos, e mais ainda de seus desdobramentos atuais, pois como afirmou George Santayana “um povo que não conhece sua história está condenado a repeti-la”.

CONCEITUANDO O FASCISMO

De maneira geral, quando se iniciam os estudos sobre fascismo dentro dos conteúdos de sociologia, ou mesmo de história e filosofia, para o ensino médio há uma grande tendência de que o material didático, e conseqüentemente o planejamento pedagógico, se ancore na definição de totalitarismo em Hannah Arendt (1998), que enxerga tal fenômeno como uma massificação do povo, e conseqüentemente a aniquilação da pluralidade humana e da política, sob um governo de partido único.

Entretanto a abrangência dessa definição põe no bojo do totalitarismo não apenas o fascismo e o nazismo, como também a fase stalinista da revolução soviética. Ou seja, Arendt coloca os dois movimentos como sinônimo de regimes autoritários, porém sem ressaltar os pontos de divergência, sobretudo do conteúdo ideológico que compunha cada movimento, ou seja, o socialismo foi um movimento revolucionário em prol das causas da classe trabalhadora, enquanto o fascismo foi um movimento de resposta a revolução socialista, em curso na União Soviética, uma resposta das burguesias italiana, e posteriormente alemã, a uma reconstrução das bases sociais europeias que poriam fim aos privilégios burgueses, como afirmou Pachukanis (2020).

O fascismo italiano e sua formulação alemã, o nazismo, não podem ser confundidos com qualquer tipo de ditadura, são ditaduras burguesas, que se distinguem de outras ditaduras por seu conteúdo mais que por sua forma.

Mas, bem entendido dizer que a ditadura do fascismo é a ditadura do capital significa dizer muito pouco. É preciso dar uma resposta à perguntas: por que a ditadura do capital se efetua precisamente desta forma? Não se pode esquecer do



pensamento de Hegel sobre a forma ser um ponto essencial do conteúdo. (PACHUKANIS, 2020, p. 33).

Pachukanis afirma que haviam duas orientações principais dentro da burguesia italiana sobre o que de fato distinguiu o fascismo de outros movimentos políticos autoritários anteriores. A primeira orientação via o fascismo como única forma de barrar a revolução comunista, o bolchevismo, em forte avanço pela Europa, sendo que alguns pensadores da época viram o fascismo como uma sucessão natural de modelo de Estado, que substituiria sua fase liberal, tal qual aconteceu com o absolutismo.

Outra forte característica do fascismo italiano era a inconsistência filosófica e programática, Pachukanis (2020, p.35) chega a classificar como “primitivismo, uma variedade de apropriações, daí o caráter de mosaico – e, finalmente, a contradição”. Tais contradições são oriundas das diversas imbricações históricas do contexto da virada do século XIX para o XX, que perpassam a própria vida do líder Mussolini como elemento catalizador de tal movimento. Por conta de tais contradições teórico filosóficas os fascistas davam demasiada ênfase à prática, o que estava sempre presente nos pronunciamentos de Mussolini.

O apego a ordem e a disciplina são outros pontos marcantes da ideologia fascista, novamente dando mais ênfase a manifestação prática de tal pensamento político que uma afirmação teórica consistente, assim como o chauvinismo, o nacionalismo exacerbado, que são marcas fortes do fascismo não são inventos inéditos dos camisas pretas. Ou seja,

No terreno puramente ideológico, o fascismo não deu nada de novo, de original e de acabado. Ele simplesmente usa, para seus próprios fins, diferentes elementos de uma doutrina que por sua vez, se revelou um produto da decomposição da ideologia democrático-bruguesa, a qual, outrora, havia sido coerente. (PACHUKANIS, 2020, p. 38).

A principal diferença do fascismo, Para Pachukanis, é que esteve movimento soube como nenhum outro antes manipular os sentimentos nacionalistas de um povo e os direcionar para um projeto de dominação política. Estas mesmas características podem ser atribuídas ao nazismo, dado que tanto Arendt (1998) como Pachukanis (2020) reconhecem que o movimento social nacionalista alemão teve como inspiração o regime autocrático comandado por Mussolini, porém incorporando elementos racistas, a partir do antissemitismo, e de extermínio em massa, que seria a “solução final”, eliminar a diversidade humana.

Leandro Konder (2009) sintetiza os principais aspectos do fascismo histórico como:

Uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo, que procura se fortalecer nas condições de implantação do capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração do capital; é um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara “modernizadora”, guiado pela ideologia de pragmatismo radical, servindo-

se de mitos irracionais e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatórios. O fascismo é um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antioperário. (KONDER, 2009, p. 53).

O caráter conservador, ou neoconservadorista do fascismo atual se expressa de maneira distinta do conservadorismo clássico. Para Silvio Luiz de Almeida (2018) o conservadorismo do século XVIII se ancora em concepções filosóficas de sua época para combater mudanças sociais trazidas pelas revoluções correntes naquele século. Já o neoconservadorismo é uma resposta negativa ao *Welfare State*, ao sentimento frustrado de uma classe média que vê grupos historicamente excluídos – negros, mulheres, migrantes – atingir certo avanço na pirâmide social. O que coaduna com o avanço do neoliberalismo, também crítico ao Estado de bem-estar social, após a década de 1970.

Entretanto, é importante frisar que estes movimentos políticos e ideológicos se reinventam constantemente, às vezes sob novas cores, mas mantendo seus conteúdos principais, como diz Humberto Eco (2021) e pode atingir com bastante êxito uma juventude descontente das instituições políticas e jurídicas de um país como o Brasil. Uma vez que deslocado de seu contexto geográfico e histórico possa parecer impossível que em pleno século XXI, numa democracia com relativa estabilidade a quase três décadas movimentos fascistas possam despontar de um momento para outro. Há um certo caráter cultural, e até psicológico, presente no fascismo que o faz transpor a barreira dos anos e se reformular nos dias de hoje:

Embora os regimes políticos possam ser derrubados, e as ideologias, criticadas e destituídas de sua legitimidade, por trás de um regime e de sua ideologia há sempre um modo de pensar e sentir, uma série de hábitos culturais, uma nebulosa de instintos obscuros e de pulsões insondáveis. (ECO, 2021, p. 23).

Mesmo em relação à experiência do fascismo histórico na Itália Eco afirma que não havia uma forte consolidação filosófica que desse um sentido estrito ao movimento, antes o fascismo italiano era um emaranhado de contradições, ou “um desconjuntamento ordenado, uma confusão estruturada” (Idem, p. 39). Por isso não é de se espantar que sua mais nova versão tropical, o bolsonarismo, seja repleto de incongruências. Ou ainda que falte alguma característica marcante do regime de Mussolini, mesmo assim, o termo fascismo, ou ur-fascismo – fascismo eterno – como diz Eco, pode ser utilizado como uma categoria analítica para cenário político brasileiro da última década. Utilizamos aqui o termo neofascismo com este significado.

Eco então propõe catorze características aplicáveis ao fascismo italiano, bem como podem ser também verificáveis nos atuais movimentos neofascistas, lembrando que “o termo

fascista adapta-se a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos, e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascistas” (Idem, p.43).

I. O neofascismo é um culto à tradição, por conta disso opõe-se a descoberta de novos saberes. Por outro lado, admite mais de uma tradição e se torna sincrético, isto estava presente em figuras místicas do nazismo alemão, e pode ser ilustrada no caso brasileiro por Olavo de Carvalho, figura central do bolsonarismo, que ao mesmo tempo de afirmava filósofo e astrólogo³. Ou ainda pela religiosidade de certa forma fluida do presidente Bolsonaro que ora se afirmava como católico, ora como evangélico. II. O tradicionalismo fascista é também uma recusa da modernidade, dos valores iluministas, e por isso todo fascismo é de certa forma irracional. III. O irracionalismo leva à ação não pensada, “ação pela ação”, onde qualquer tipo de reflexão é mau vista, e fortalece uma aversão à intelectualidade. Eco (Idem, p. 49) cita como exemplo de rejeição à intelectualidade a frase “as universidades estão cheias de comunistas”, que tanto pode ser lida como sendo do período do fascismo italiano, ou dos dias de hoje. IV. Não é aceito críticas dentro do fascismo, todo crítico é visto como traidor. Poderíamos ilustra como exemplo a figura do ex-juiz e ex-ministro da Justiça Sergio Moro, que foi afastado do governo Bolsonaro por discordâncias. V. O fascismo é sempre racista, seja como o antissemitismo no passado, seja pelas diversas ofensas contra pessoas pretas, quilombolas ou indígenas disferidas pelo presidente da república e seus apoiadores. VI. O fascismo tem como sua principal base uma classe média frustrada. Foi este elemento que fomentou seu crescimento na Itália e Alemanha após a Primeira Guerra, como também fustigou no Brasil, por conta dos desdobramentos da crise econômica mundial de 2018, e por um grave ressentimento pela breve ascensão social da trabalhadora nos governos petistas, sobretudo por conta de políticas públicas de distribuição de renda e acesso à educação superior. VII. O fascismo ancora-se no nacionalismo como fator identitário.

A despeito disso, Stuart Hall (2006), mostra como as identidades nacionais são forjadas a partir de “tradições inventadas” no intuito de unificar grupos tão diversos que compõe os modernos Estados nacionais. Da mesma forma, no Brasil a evocação de uma identidade nacional única planificadora é uma tentativa de silenciamento e apagamento histórico da diversidade representadas pelas minorias, sejam étnicas ou políticas. VIII. “Os inimigos são ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais” (Idem, p. 52) esta frase sintetiza a ideia persistente no fascismo de inimigos internos ou externos, que são uma

³ Olavo de Carvalho dava orientação profissional com astrologia. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,olavo-de-carvalho-dava-orientacao-profissional-com-astrologia,70002618953,0.htm>



ameaça para os bons valores morais, porém é preciso gerar na mente da militância neofascista uma certeza de que tais inimigos serão facilmente ultrapassados.

Isto pode ser ilustrado no caso brasileiro, com um trecho de um discurso do então candidato Bolsonaro em 2018 no Acre, “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre, hein? Vamos botar esses picaretas para correr do Acre. Já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma tem de ir pra lá. Só que lá não tem nem mortadela, hein, galera. Vão ter de comer é capim mesmo”⁴. IX. Por ser uma ideologia da morte, o fascismo não admite o pacifismo, vive em constante clima de guerra. X. o fascismo é um movimento elitista, mas parte de um “elitismo popular” (Idem, p. 53), o que pode ser condensado na representação social do cidadão de bem, que se encontra numa hierarquia superior às demais pessoas. XI. O fascismo cria, idolatra figuras heroicas. Alguns políticos brasileiros, bolsonaristas, souberam bem jogar o jogo do herói. Gente como Gabriel Monteiro, ex-vereador do Rio de Janeiro, e a deputada federal Flordelis, trabalharam suas imagens como pessoas de origem pobre que cresceram na vida por conta do trabalho e que ambos faziam um trabalho de filantropia, que lhes deu muito prestígio social e conseqüentemente seus cargos políticos. O *plot twist* veio, entretanto, pela revelação de crimes sexuais por parte de Monteiro⁵, e do envolvimento da parlamentar Flordelis no assassinato do seu marido⁶. XII. O fascismo tem um componente sexista machista, o que envolve desrespeito pelas mulheres, apego à castidade e intolerância à práticas sexuais não convencionais do ponto de vista heteronormativo. XIII. O fascismo propõe um tipo de populismo, onde as individualidades são totalmente dissolvidas na ideia de um povo, que tem no líder a representação máxima das vontades coletivas. Eco diz “em nosso futuro desenha-se um populismo de TV ou Internet, no qual a resposta emocional de um grupo selecionado de cidadãos pode ser apresentada e aceita como voz do povo”. (Idem, p.57) esta reflexão coaduna com o que Camila Rocha (2018) fala sobre o “boom” das novas direitas do Brasil ter acontecido apenas após investidores começarem a colocar recursos de da voz à figuras quase desconhecidas que clamavam no deserto da internet, entre elas Olavo de Carvalho que até o primeiro mandato de Lula tinha apenas um blog e seu livro publicado que criticava a intelectualidade brasileira, em pouco tempo ele se tornou a principal voz do conservadorismo brasileiro. XIV. “O Ur-fascismo, fala a novilíngua” (Idem, p. 58), a

4 Set/2018: "Vamos fuzilar a petralhada", diz Bolsonaro em campanha no Acre | Exame. Disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>

5 Ex-vereador do Rio Gabriel Monteiro é preso após nova denúncia de estupro. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/11/07/ex-vereador-do-rio-gabriel-monteiro-e-presos-apos-nova-denuncia-de-estupro.ghtml>

6 Flordelis é condenada a 50 anos de prisão pelo homicídio do pastor Anderson do Carmo. Disponível em: <https://g1.globo.com/tj/rio-de-janeiro/noticia/2022/11/13/caso-flordelis-sentenca.ghtml>

referência que Eco faz à Geroge Orwell, diz respeito ao uso de uma linguagem extremamente popular utilizada pela liderança fascista para alcançar seus militantes, é na verdade uma continuação da negação ao racionalismo e à intelectualidade, como também um desprezo pelos espaços formais, como a mídia tradicional ou outras formas de interlocução política.

Vale lembrar que enquanto Bolsonaro esteve na presidência preferiu não se referir à nação como um todo, mas se comunicar apenas com apoiadores no que a imprensa chamou de “cercadinho”, bem como a vasta utilização de suas redes sociais pessoais para comunicar decisões do governo. Não é difícil enxergar aqui as mesmas atitudes de Mussolini na praça Venezia, ou dos discursos de Hitler que iam desde bares à estádios lotados, mas sempre adotando uma comunicação simplista e direta com seus apoiadores.

O neofascismo é também fruto do discurso do fim das ideologias, da eliminação da diferenciação clássica entre direita e esquerda, decorrente do avanço do neoliberalismo após os longos anos da Guerra Fria. Chantal Mouffe (2015) lança uma crítica aos teóricos da chamada terceira via, entre eles Anthony Giddens, que ao tentarem reconstruir um novo campo político que conciliasse o trabalhismo com o avanço de um mercado global hegemônico para que convergisse para uma harmonização, contraditoriamente, tal tentativa fracassou ao passo de desconsiderar que propostas tão antagônicas fagocitassem uma à outra.

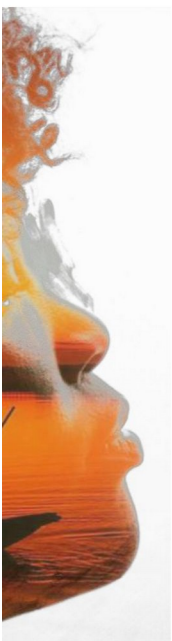
Mouffe propõe uma distinção para a compreensão dos fenômenos da política, em dois níveis, um ôntico e outro ontológico, ou seja, um em nível superficial e um outro mais profundo. A política, nível ôntico, diz respeito ao exercício formal do Estado e das disputas partidárias, enquanto político, ontológico, abrange as relações de poder mais diluídas, as filiações e paixões por orientações e posições ideológicas. Nas palavras da autora o político é:

a dimensão do antagonismo que considero constitutiva das sociedades humanas, enquanto entendo por política o conjunto de práticas e instituições por meio das quais a ordem é criada, organizando a coexistência humana no contexto conflituoso produzido pelo político. (MOUFFE, 2015, p.8).

Nosso interesse nesta pesquisa parte, portanto, para o campo do político, das relações sociais em torno das identificações ideológicas e como estas produzem filiações e aversões em relação à grupos com visões políticas distintas.

A autora propõe uma crítica ao que chama de “mundo pós-político” onde, após o final do bloco socialista e aparente triunfo da democracia liberal, ao menos no ocidente, as diferentes correntes políticas foram dissolvidas, o indivíduo ganha autonomia dos laços sociais tradicionais, o que alguns autores denominam de pós-modernidade.

A autora afirma que tal pressuposto teórico que considera um relativo consenso pacífico no campo político é falacioso, desconectado de uma perspectiva antropológica



realista, pois desconsidera o conflito, as animosidades, como elemento comum das relações humanas, ou nas palavras de Mouffe a relação entre antagonismo (tratar adversários políticos como inimigos) e agonismo (tratar adversários políticos como opositores).

O que Mouffe propõe é reavaliar a relação de grupos divergentes, não como um consenso forçoso, mas criando um ambiente de disputa onde as diferenças continuam presentes, não como antagonismo, mas como agonismo, ou seja, uma disputa de projetos hegemônicos distintos. “o que a democracia exige é que formulemos a distinção nós/eles de um modo que seja compatível com a aceitação do pluralismo, que é constitutivo da democracia moderna”. (MORFFE, 2015, p.13).

Neste sentido, o político é articulado em torno da constituição de uma hegemonia, ou seja, de “práticas de articulação por meio das quais se estabelece uma determinada ordem e se determina o significado das instituições sociais” (MOUFFE, 2015, p. 17). É isto que está em disputa entre grupos divergentes, qual hegemonia será estabelecida, e não diz respeito apenas ao jogo partidário ou da estruturação formal do Estado, mas também compreende a organização do social, das relações e da formação das identidades.

Tais identidades são formadas à partir da relação nós/eles, e não levam em conta apenas aspectos racionais, mas também elementos de identificação subjetivos. Entretanto Mouffe afirma que há sempre possibilidade desta relação se tornar antagonística,

No campo das identidades coletivas, estamos sempre lidando com a criação de um “nós” que só pode existir pela demarcação de um “eles”. Isto é, que ela possa se tornar uma relação amigo/inimigo. Isso acontece quando se acredita que o “eles” está questionando a identidade do “nós” e ameaçando sua existência. (MOUFFE, 2015, p.15).

Ao inserir na análise política, elementos subjetivos da formação da identidade, à partir de Freud e Lacan, Mouffe afirma que são as paixões – pulsões libidinosas e de morte, *eros* e *thanatus* em Freud, e do gozo em Lacan – que formam sentimentos de adesão coletiva, como o nacionalismo, ao mesmo tempo que cria na imagem do estrangeiro um inimigo – xenofobia – ao estilo de vida local, e por tanto, uma ameaça à existência daquele grupo.

A radicalização de posições políticas, ou menos de ações violentas, físicas ou simbólicas, a emergência de grupos de extrema direita, tem ganhado espaço nos últimos anos no cenário brasileiro muito por conta de, por algum tempo, ter-se negado a existência da conflitualidade da lógica hegemônica.

Pensou-se, de maneira geral, que a democracia como forma de Estado e estabelecadora de relações sociais com certo nível de tolerância em relação ao divergente fosse um consenso óbvio. Entretanto, uma parcela da classe média, sentiu seu gozo ameaçado

pela ascensão social de camadas populares através de políticas públicas durante governos de esquerda. Em outras palavras, o modelo político de discurso único, sobretudo do ponto de vista da política econômica, é solo fértil para o neofascismo.

De fato, uma marca importante do fascismo é a busca pela aniquilação do outro, isto se deu no passado em campos de extermínios, mas se manifesta hoje sob a forma da apologia ao discurso único, ou ainda, a abolição de todo e qualquer discurso. Marcia Tiburi (2020) salienta que o fascismo também é uma questão de linguagem, melhor dizendo, da simplificação e empobrecimento da linguagem, pois opõe-se constantemente ao diálogo, já que este pressupõe a existência e validação do outro. Desta forma a principal característica do neofascismo é

ser politicamente pobre. O empobrecimento do qual ele é portador se deu pela perda da dimensão do diálogo. O diálogo se torna impossível quando se perde a dimensão do outro. O fascista não consegue relacionar-se com outras dimensões que ultrapassem as verdades absolutas nas quais ele firmou seu modo de ser. Sua falta de abertura, fácil de reconhecer no dia a dia, corresponde a um ponto de vista fixo que lhe serve de certeza contra pessoas que não correspondem à sua visão de mundo preestabelecida. (TIBURI, 2020, p.24).

Um outro aspecto considerável do neofascismo para Tiburi é que este, assim como demais fenômenos políticos, também perpassam pelo campo das sentimentalidades individuais, ou seja, do afeto, daquilo que toca de maneira peculiar a cada um. Porém, tais sentimentalidades não são espontâneas, nem individualmente construídas, antes, desenvolvem-se ao decorrer de processos históricos e pela transmissão cultural geracional.

Assim, especificamente no caso do fascismo, o ódio, como um sentimento negativo direcionado historicamente a um indivíduo ou grupo – xenofobia e homofobia por exemplo –, é ao mesmo tempo produto e produtor de discursos e ações políticas. A reprodução do fascismo,

se utiliza do afeto odiento na orquestração do delírio coletivo ao qual a sociedade mesma é rebaixada. A aniquilação de certa ideia de sociedade, do senso do social, é sustentada no tipo de subjetividade fascista. A aniquilação da política é a aniquilação do social que precisa ser introjetada pela pessoa concreta, ela mesma cancelada como ser social. Seria necessário desenredar as amarras que sustentam o ódio delirante no qual ele foi envolvido como indivíduo quando acreditou que neste afeto residiria a verdade de sua experiência. (TIBURI, 2020, p. 32).

Desta forma, insistir para a manutenção do diálogo, validando o outro mesmo que discordando, é o caminho para resignificar os afetos odiosos consolidados a tento nas nossas relações sociais, e com isso abrir caminho para a derrubada do fascismo e suas reedições.

NEOCONSERVADORISMO, NEOFASCISMO E EDUCAÇÃO NO BRASIL.

Não é de hoje que o campo da educação sofre ameaças de desmonte ou de aparelhamento à programas políticos reacionários no Brasil, tanto em sua estrutura financeira e administrativa quanto ao próprio projeto pedagógico e curricular. Ao longo das últimas décadas, inúmeras reformas educacionais, seja em pequena ou larga escala, derivadas de mudanças governamentais que por diversas vezes interrompem projetos construídos por administrações passadas, ou pela massiva intervenção do mercado econômico e seus interesses em atingir o campo do trabalho e conseqüentemente na formação das classes trabalhadoras, ou ainda por conta de rupturas institucionais, como no golpe jurídico/parlamentar sofrido pela presidenta Dilma Rousseff em 2016 que acabou culminando em seu *impeachment*.

Para Daniel Cara (2019) a educação brasileira é constantemente ameaçada por duas correntes ideológicas que, embora distintas, se aproximam em determinados momentos históricos onde o ambiente político é propício para a junção de ambas. Estamos falando do ultraliberalismo e ultrarreacionarismo, que segundo o autor, tais correntes ideológicas tiveram seu ápice no Brasil respectivamente nos governos Temer e Bolsonaro.

O ultraliberalismo trata a educação como *commodity*, ou seja, um tipo de produto que seu valor pode ser medido, comparado em termos numéricos, tal qual o preço do barril de petróleo, ou o valor da arroba bovina. Tanto que adotou-se internacionalmente o *Programme for International Student Assessment* (PISA) como escala para avaliar a qualidade da educação de um país, e não é de espantar que tal exame seja elaborado, não por uma instituição voltada para educação, mas pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Em outras palavras, invés da educação ser tratada como direito humano básico em apropriar-se de toda produção cultural ao longo da história da humanidade, é vista apenas como uma mercadoria que quanto menor seu custo de produção, mais rentável é dentro da lógica liberal. (CARA, 2019).

Já para a agenda conservadora a escola é espaço de disputa política, um campo de ação para pôr sua agenda em prática. Como uma espécie de epopeia maniqueísta, pondo em lados opostos uma certa ideia de bem e o que chamam de “marxismo cultural”, esta teoria conspiratória muito difundida no Brasil pelo autointitulado filósofo Olavo de Carvalho, um ideólogo de extrema direita, muito próximo à família Bolsonaro, que fomentou diversos movimentos reacionários ao longo dos últimos anos, por conta de seu amplo alcance em

plataformas virtuais como o YouTube e em redes sociais (Twitter, Instagram, Facebook) do próprio presidente Jair Bolsonaro e de seus filhos.

O marxismo cultural apesar de não compor formalmente um conceito, ou corrente filosófica-científica, espalhou-se como pólvora entre as diversas militâncias de direita, fazendo uma mistura leviana do que seriam os conceitos clássicos de Marx com as pautas dos movimentos identitaristas, como as pautas de legalização das drogas, aborto ou dos casamentos homoafetivos, a chamada “ideologia de gênero”, que como aponta Rogério Diniz Junqueira (2019), foi um termo criado num contexto conservador religioso com o intuito de distorcer e desacreditar tudo que era produzido no campo de estudo de gênero e sexualidade. Para Uriel Irigary de Araújo,

[...] “marxismo cultural” possui, portanto, forte densidade semântica e recursos narrativos para a efetivação de projetos autoritários de poder. Tem inspirado movimentos como o Escola Sem Partido, que incentiva alunos a denunciarem seus professores por “doutrinação ideológica”. Seu apelo torna-se mais intenso em um momento de crise do modo liberal de organizar a política. Seu edifício ficcional e povoados de inimigos imaginários preenche a imaginação de maneira a dar ao indivíduo o sentimento de poder e de participação do lado certo na guerra do bem contra o mal. (SILVA, SUGAMOSTO, ARAÚJO, 2012, p. 214).

Este movimento é muito similar ao que Howard Becker (2008) descreve em seu clássico ensaio sobre o desvio, assim sendo, palavras como comunista, marxismo, gênero, ou até mesmo globalista – no caso de pessoas que discordam com a teoria da terra plana, muito difundida entre os olavistas – tornam-se rótulos criminalizadores a quem lhes são atribuídos pelos agentes desta cruzada moral.

Uma vez ganhando espaço no debate público, seja por uma certa crise de representatividade dos partidos políticos e entidades de classe como sindicatos, grêmios estudantis, ou pelo recrudescimento do discurso anticomunista, os movimentos ultraconservadores tornaram o pátio da escola seu principal ponto de interesse. O que levou a um sentimento de medo por parte de educadores, sobretudo os da área das ciências humanas, por conta de possíveis acusações de doutrinação ao tal marxismo cultural pelo Escola sem Partido, quando trabalhavam em suas aulas conteúdos já consagrados no currículo escolar, como o processo de escravidão na disciplina de História, ou de alienação e materialismo histórico em Sociologia.

Cara (2019, p. 35) afirma que a estratégia dos movimentos ultraconservadores “é submeter as comunidades escolares e a sociedade a um intenso pânico moral e ideológico, criando uma falsa oposição entre pedagogia e disciplina. Na prática, promovem o autoritarismo que, por definição coíbe a apropriação da cultura de forma livre emancipada”.

Outros movimentos importantes para compreender o avanço do ultraconservadorismo e, portanto, fascismo, na educação brasileira diz respeito a militarização escolar e ao chamado *homingschooling* – proposta onde os próprios pais ministrariam a educação formal de seus filhos em casa, selecionando inclusive quais conteúdos seriam estudados pelas crianças e jovens – que apesar de convergir em suas posturas conservadoras destoam em suas táticas de ação na mesma cruzada moral.

O processo de militarização do ensino escolar sucede, segundo Rudá Ricci (2019), o amplo crescimento das instituições privadas de educação básica, já colocando forte questionamento sobre a capacidade do Estado brasileiro em cumprir este dever constitucional. As escolas militares passam a ganhar mais adeptos no começo do século XXI, sobe o forte discurso de uma violência urbana generalizada, causada pelo avanço do crime organizado e tráfico de drogas. Neste sentido escola militares seriam, para os defensores desta proposta, um refúgio de ordem e disciplina em meio ao caos urbano.

Entretanto relatos de membros da comunidade escolar apontam que não é bem esta realidade, e em alguns casos a presença de violência dentro das escolas militares chegam a chocar as comunidades em que elas se inserem. Como no caso da Escola Municipal Eurides Sant'anna⁷ no município de Barreiras, Bahia, onde um jovem de 14 anos assassinou uma colega cadeirante a tiros e depois degolou sua vítima na entrada da unidade escolar. O detalhe que tratasse justamente de uma escola de gestão partilhada do município de Barreiras com a Polícia Militar da Bahia, sendo que o jovem agressor é filho de militares, e utilizou a arma do pai para cometer tal atentado. Fato semelhante ocorreu na cidade de Aracruz⁸ no Espírito Santo, em a exceção de não serem escolas militares, entretanto os dois agressores têm perfil muito parecidos, jovens filhos de militares, que tiveram acesso as armas dos pais e participavam de grupos neonazistas.

Já o movimento *homingschooling* parte de um local diferente em relação a estratégia de seus apoiadores, conforme Matheus Pichonelli (2019), pois ao invés de disputar o espaço escolar, pretende retirar as crianças e os jovens das salas de aula com o pretexto de protegê-los de possíveis doutrinações ideológicas presentes no currículo escolar. Neste caso a cisma dos adeptos desta proposta não se restringe apenas aos conteúdos das ciências humanas e sociais na escola, afetando também os conteúdos da área de ciências da natureza, como as

7 Arma usada por adolescente que matou estudante em Barreiras era do pai. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/arma-usada-por-adolescente-que-matou-estudante-em-barreiras-era-do-pai/>

8 Assassino que invadiu escolas e deixou três mortos no Espírito Santo usou armas do pai, policial militar. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/11/25/assassino-tem-16-anos-e-foi-aluno-de-escola-atacada-em-aracruz-diz-governador-do-espírito-santo.ghtml>

teorias evolucionistas, heliocentrismo, etc. Porém, a real intenção de tal proposta educacional é submeter as gerações mais novas a uma obediência total e absoluta aos mais velhos, tal como como numa distopia de Margaret Atwood.

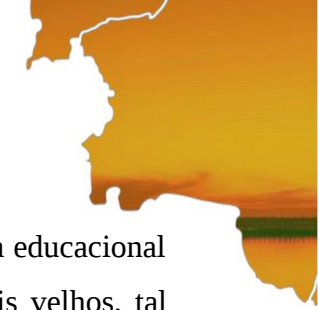
CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço para compreender um fenômeno tão nocivo quanto o fascismo e suas atualizações também é, de certa maneira, um início de combate. O espaço da educação escolar deve sempre fomentar valores humanitários de respeito à vida, à diversidade e integridade humana, e todo esforço neste sentido nunca é em vão.

Neste sentido o ensino de sociologia da educação básica ocupa papel especial para tal tarefa, pois por conter em seu arcabouço teórico e metodológico, conceitos, técnicas de investigação, capazes de desvelar os bastidores da realização histórica e política, e permitir aos jovens construir uma ponte entre as notícias da política nacional que ele acompanha pela televisão e internet e sua biografia.

Entretanto, para além de elencar devidamente os conceitos sistematizados fornecidos pela sociologia e demais ciências sociais para abordar a realidade dos fenômenos políticos e sociais, cabe ao professor, em sala com os estudantes, implementar estratégias pedagógicas que facilitem a compreensão de teorias e fenômenos tão complexos como os que apresentamos neste artigo. É preciso dar um salto no sentido de buscar, mais que a simples memorização de autores e suas teorias, a apreensão desses saberes por parte dos jovens, para que os mesmo os apliquem em suas reflexões sobre suas realidades e em suas ações na coletividade.

Em suma, concordando e discordando, em parte, da frase atribuída a Buenaventura Durruti, “*Al fascismo no se discute, se le destruye*”, discutimos o fascismo como categoria analítica, conceito, afim de mais facilmente localizá-lo em nossa realidade social e, desta maneira, destruí-lo.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e liberalismo. IN: MIGUEL, Luis Felipe [et al.] Ester Solano Galego [org] **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil.** – 1ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

ARENDT, Hannah. (1949). **Origens do Totalitarismo.** Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** – 1 ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARA, Daniel. Contra a barbárie, o direito à educação. IN: CASSIO, Fernando [org.]**Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar.** – 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.

ECO, Humberto. **Fascismo Eterno.** – 11ed. – Rio de Janeiro: Record, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** São Paulo: DP&A, 2006.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A “ideologia de gênero” existe, mas não é aquilo que você pensa que é. IN: CASSIO, Fernando [org.]**Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar.** – 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo.** – 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o Político.** 1. ed. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PACHUKANIS, Evguiéni Bronislavovitch. **Fascismo.** – 1ed. – São Paulo: Boitempo, 2020.

PICHONELLI, Matheus. Homeschooling e a domesticação do aluno. IN: CASSIO, Fernando [org.]**Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar.** – 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.

RICCI, Rudá. A militarização das escolas públicas. IN: CASSIO, Fernando [org.]**Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar.** – 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.

ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? P. 54 – 62. IN: MIGUEL, Luis Felipe [et al.] Ester Solano Galego [org] **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil.** – 1ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

SILVA, Wellington Teodoro da; SUGAMOSTO, Alexandre; ARAUJO, Uriel Irigaray. O MARXISMO CULTURAL NO BRASIL: ORIGENS E DESDOBRAMENTOS DE UMA TEPRIA CONSERVADORA. **Cult. relig.**, Iquique , v. 15, n. 1, p. 180-222, jun. 2021 . Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-47272021000100180&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 20 nov. 2022. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-47272021000100180>.

TIBURI, Marcia. **Como conversar com um fascista.** – 14 ed. – Rio de Janeiro: Record, 2020.

